



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

Enquanto os Estados Unidos lançam ofensivas no mar contra embarcações de guerra iranianas, Teerã dispara mísseis na direção de Israel e de aliados norte-americanos, que prometem responder à agressão

Ataques se espalham pelo Golfo

» PALOMA OLIVETO

Novos ataques aéreos e marítimos coordenados pelos Estados Unidos e por Israel contra alvos no Irã, seguidos de uma retaliação em grande escala por Teerã no Golfo Pérsico, intensificaram o conflito na região, um dia após a ação que culminou na morte do líder supremo persa, o aiatolá Ali Khamenei. Alvos do contra-ataque, aliados árabes de Washington divulgaram um comunicado, prometendo responder à agressão, se necessário. Depois de uma reunião do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), representantes dos Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Arábia Saudita, Omã, Catar e Kuwait, disseram que “examinaram os extensos danos resultantes dos traçoeiros ataques iranianos” e “discutiram medidas para restaurar a estabilidade na região”.

“Estamos nos defendendo, custe o que custar, e não vemos nenhum limite para nós na hora de defender o nosso povo desse ato de agressão”, reagiu o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, citado pela agência France-Presse (AFP). Um dos alvos foi um edifício próximo a uma sinagoga em Bet Shemesh, cidade a 30km de Jerusalém, onde um míssil teria matado nove pessoas e ferido, ao menos, 45, com 11 desaparecidos. Militares israelenses também afirmaram que projéteis foram lançados desde o Líbano, país onde se baseia a organização paramilitar xiita Hezbollah, em direção ao norte do país. “As Forças de Defesa de Israel se preparam para mobilizar cerca de 100 mil reservistas e estão aumentando seu nível de preparação nas diferentes frentes”, disse um comunicado do exército de Israel.

Na rede social Truth Social, o presidente norte-americano Donald Trump afirmou que os Estados Unidos afundaram nove navios militares iranianos, incluindo uma embarcação no Golfo de Omã, que conecta o Mar Árábico com o Estreito de Ormuz, região estratégica para o escoamento de 20% do mercado mundial de petróleo. Há preocupação de que a navegação seja interrompida nesse ponto, o que poderia levar ao aumento no preço de combustíveis fósseis.

“O fechamento do Estreito de Ormuz terá grande impacto nos mercados globais nos próximos dias, principalmente se ele se prolongar”, destaca Manuel Furriela, especialista em relações internacionais e reitor da Universidade Católica de Brasília (UCB). Ele

AFP/US Centcom/US Navy



Destroier USS Thomas Hudner (DDG 116) disparando um míssil de ataque terrestre Tomahawk a partir de um local não divulgado

afirma, porém, que, ao menos a curto prazo, o Brasil não será prejudicado com desabastecimento, como em 1973, quando a Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo (Opaep) proclamou um embargo petrolífero. “Naquela época, o Brasil importava mais de 70% do seu petróleo. Hoje, é exportador”, diz Furriela.

Ao anunciar os ataques por mar, o presidente Donald Trump afirmou que a marinha iraniana pode aguardar mais baixas. “Vamos atrás do resto (das embarcações militares): em breve eles também estarão repousando no fundo do mar! Em outro ataque, destruímos em grande medida o seu quartel-general naval. Fora isso, a Marinha deles vai muito bem!”, ironizou Trump.

Anteriormente, a Guarda Revolucionária Iraniana havia anunciado um ataque ao porta-aviões norte-americano Abraham Lincoln, com quatro mísseis balísticos. O almirante Brad Cooper, do Comando Central dos Estados Unidos (Centcom), negou, em nota, que a embarcação tenha sido atingida. “Os mísseis lançados nem chegaram perto”, garantiu.

"Espiral de violência"



Alberto Pizzoli/AF

Diante da multidão reunida na Praça de São Pedro, no Vaticano, o papa Leão XIV pediu o estabelecimento da paz no Oriente Médio. “Diante da possibilidade de uma tragédia de enormes proporções, peço às partes envolvidas que assumam sua responsabilidade moral e parem a espiral de violência antes que se torne um abismo irreparável”, afirmou o sumo pontífice. “A estabilidade e a paz não se constroem com ameaças recíprocas, nem com armas, que semeiam destruição, sofrimento e morte, mas só com um diálogo razoável, sincero e responsável”, declarou o chefe da Igreja Católica.

Vingança

O Comando confirmou a morte de três norte-americanos pelas

forças iranianas no Kwait — as primeiras baixas dos Estados Unidos desde sábado. Trump prometeu vingança. “Infelizmente, haverá

mais mortes”, disse, em um vídeo sobre as baixas de soldados. “Mas os Estados Unidos vão vingar seus mortos e desferir o golpe mais devastador aos terroristas que travam uma guerra, basicamente, contra a civilização.”

O Irã confirmou “ataques em larga escala” aos aliados norte-americanos no Golfo, mas disse que apenas bases norte-americanas nesses países são alvo da ação. Nos Emirados Árabes Unidos, desde sábado três pessoas morreram e 58 ficaram feridos. Omã, mediador das negociações de fevereiro entre o governo iraniano e os Estados Unidos, também foi atingido ontem. No Kuwait, além dos soldados, um cidadão estrangeiro teria morrido.

Com oito feridos em um ataque iraniano de 44 mísseis e oito drones, o Catar divulgou uma nota acusando Teerã de “flagrante violação da soberania nacional”. “O Catar se reserva o direito pleno de responder a esse ataque”, disse o Ministério das Relações Exteriores. No Bahrein, 45 mísseis e nove drones foram abatidos, segundo a agência oficial Bahrain News, com quatro feridos.

Atingida na capital, Riad, e na província oriental, a Arábia Saudita convocou o embaixador do Irã. Os Emirados Árabes Unidos fecharam a embaixada em Teerã, após bombardeios. Na rede social X, o diretor de comunicações estratégicas do Ministério das Relações Exteriores denunciou que bases militares não foram os únicos alvos no país. “Os ataques iranianos de mísseis tiveram como alvo o território; ataques agressivos atingiram locais civis, incluindo áreas residenciais, aeroportos, portos e instalações de serviços, o que coloca em perigo civis indefesos.”

Otan

Em resposta ao contra-ataque iraniano, o comandante da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) disse que as forças se defenderão de “potenciais ameaças”. “Ajustamos e seguiremos ajustando a posição de força da Otan para garantir a segurança de seus 32 Estados-membros, e defender a Aliança de potenciais ameaças”, informou o comandante, o general norte-americano Alexus Grynke, na rede X.

Alemanha, França e Reino Unido também se manifestaram, ontem, sobre o contra-ataque iraniano, e disseram que poderão adotar medidas defensivas contra Teerã para defender seus interesses e os de seus aliados no Golfo. “Adotaremos medidas para defender nossos interesses e os de nossos aliados na região, possivelmente por meio da adoção de medidas defensivas necessárias e proporcionais para destruir a capacidade do Irã de lançar mísseis e drones”, afirmaram, em um comunicado conjunto.

Na avaliação de Ellie Geranmayeh, pesquisadora do programa de Oriente Médio e Norte da África na organização de análise Conselho Europeu de Relações Exteriores, as potências europeias deveriam, ao contrário, “recusar-se a ser arrastadas para as operações ofensivas dos Estados Unidos, inclusive através da utilização de bases”. “É urgente que os europeus e seus parceiros internacionais se mobilizem para reduzir os danos causados por esta guerra e comuniquem claramente que se trata de uma escolha dos Estados Unidos, em violação da mesma carta da Organização das Nações Unidas (ONU) que os próprios europeus invocaram para condenar a invasão ilegal da Ucrânia pela Rússia e insistir na soberania da Groenlândia.”

»ARTIGO

A terceira rodada de um Oriente Médio em turbilhão

Os últimos três anos no Oriente Médio estão entre os mais brutais e instáveis da política contemporânea da região. Essas crises tiveram três grandes rodadas. A primeira foram os atentados do Hamas contra Israel, em 7 de outubro de 2023, e a guerra que se seguiu, com a destruição da Faixa de Gaza e a derrota do Hezbollah, no Líbano. A segunda foi o breve conflito de duas semanas em 2025 entre Israel, Estados Unidos e Irã. A terceira começou neste fim de semana e foi o início da nova guerra entre os mesmos participantes.

O que está em jogo no novo confronto? Basicamente, três grandes

pendências que restaram do embate anterior: a pressão pelo fim do programa nuclear iraniano, a redução de seu estoque de mísseis balísticos e os interesses dos governos de Israel e dos Estados Unidos para que a república islâmica pare de apoiar uma série de grupos armados (Hamas, Hezbollah e hutis) em diversos países do Oriente Médio. As negociações diplomáticas em Genebra, nas últimas semanas, não conseguiram resolver tais impasses.

Em muitos momentos, o governo de Donald Trump tem usado a retórica da mudança de regime,

apontando para o objetivo de destruir o sistema criado pela Revolução Islâmica de 1979 e buscando uma estratégia de decapitação, de tentar matar a cúpula do Estado iraniano. A morte do aiatolá Ali Khamenei foi um marco desses esforços — aliás, a primeira vez em que bombardeios aéreos eliminaram o líder de um país em guerra. Contudo, o arranjo político do

Irã é maior e mais complexo, e envolve um presidente da República (eleito em eleições muito restritas e controladas, mas que, ainda assim, envolvem certo nível de competição entre as elites dirigentes), um amplo setor de religiosos profissionais, as Forças Armadas etc.

Até agora, esse complicado sistema político iraniano tem se mantido unificado na sua hostilidade

Divulgação



aos Estados Unidos e a Israel, sem apresentar o tipo de fissura que surgiu na Venezuela, onde a presidente Delcy Rodríguez tem se mostrado uma executora bastante dinâmica das metas de Trump. É improvável que algum aiatolá ou general no Irã mostre uma disposição semelhante, ou consiga reunir um nível mínimo de consenso para colocá-la em prática.

O cenário que se desenha para os próximos dias é o da intensificação dos ataques dos Estados Unidos e Israel contra o Irã, visando a aprofundar a destruição de sua capacidade bélica e desestruturar ainda mais sua liderança política. Pelo lado iraniano, o regime tentará escalar a guerra, levando o conflito aos seus vizinhos do Golfo Pérsico, em particular a pequenos países que são anfitriões de bases militares americanas, como Bahrein e Catar. Teerã quer mostrar o custo de apoiar os Estados Unidos e pressionar os emirados a instarem pela paz com seus aliados em Washington.

Para o Brasil, distante da zona de guerra, o principal impacto é econômico, pelo que os conflitos regionais podem representar para a alta dos preços de petróleo e para a perturbação das grandes rotas aéreas globais, com a perturbação em aeroportos como Dubai e Doha. E há uma questão de fundo, da fragilização dos instrumentos da diplomacia, em meio ao retorno de doutrinas intervencionistas dos Estados Unidos, tanto no Oriente Médio quanto na América Latina. No entanto, o governo brasileiro tem expressado suas preocupações com cautela e moderação, pois teme os efeitos para as delicadas negociações comerciais com o Trump, nas quais o país foi bem-sucedido, em contraste com muitos outros parceiros americanos que saíram bastante prejudicados.

Mauricio Santoro

É cientista político, colaborador do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha